

Santiago de Lustosa em 1758

memória paroquial, toponímia e património (parte 1)



Em Lustosa encontram-se os mais antigos vestígios de ocupação humana de todo o território do concelho de Lousada, realidade que se deve ao particular contexto geográfico que lhe é conferido pela Serra de Campelos. Recuada é igualmente a primeira alusão escrita à paróquia sob a invocação de São Tiago e que surge em meados do século XI. Relativo a um arrolamento de propriedades do mosteiro de Guimarães, encontram-se ali mencionados os lugares de Sanguinhedo e de Cristello. O subsequente quadro documental conhecido adensa o interesse nos estudos sobre este território, bem como para o conhecimento histórico do concelho, mas é a Memória Paroquial relativa à paróquia de Lustosa, e que se pretende salientar no presente texto, que melhor retrata, sob um prisma alargado, a realidade bastante completa em termos socioculturais e económicos da freguesia em pleno século XVIII.

Textos

Luís Sousa
luís.sousa@cm-lousada.pt
Cristiano Cardoso
cristiano.cardoso@cm-lousada.pt

1. SANTIAGO DE LUSTOSA - A PARÓQUIA E A SUA IGREJA

1.1. A paróquia

A freguesia de São Tiago de Lustosa tem a sua aparição na documentação no ano de 1059, quando se mencionam os lugares de Sanguinhedo e de Cristelo no inventário de propriedades pertencentes ao mosteiro de Guimarães. Aparentemente, a menção resume-se aos dois lugares referidos, não se registando qualquer alusão irrefutável a uma igreja de Lustosa.

A primeira vez que observamos uma referência documental a uma unidade ou entidade supostamente eclesiástica é através de uma sentença sobre um litígio de bens entre o mosteiro de Caramos e o mosteiro de Requião, datada de 6 de Janeiro de 1174. O abade do mosteiro de Caramos, Paio Fromarigues, arrolou como testemunha o "*Abbatem de Lestosa*", Pedro Pires, levando-o consigo juntamente com outros clérigos e cavaleiros. Esta referência faz-nos crer numa possível integração de um determinado território da freguesia dentro de uma organização eclesiástica¹.

À semelhança de tantas outras freguesias, será com os textos das inquirições régias que se obterão mais desenvolvidos dados referentes a Lustosa. No inquérito patrimonial elaborado em 1220, a mando do rei Afonso II, Lustosa surge integrada no denominado «*Termo de Ferreira*». Era, aliás, a única freguesia do atual concelho de Lousada a inserir-se nesta divisão administrativa proposta pelas inquirições; todas as outras freguesias correspondem ao atual concelho de Paços de Ferreira.

Anos mais tarde, dando continuidade às iniciativas centralizadoras e anti senhoriais do seu pai, o rei Afonso III vai promover a realização de novo inquérito, que apresenta um ordenamento territorial diferente. Em 1258, Lustosa passa a integrar o julgado de Aguiar de Sousa, que, em suma, abarcava as freguesias dos anteriores *termos* de Ferreira e Aguiar. Esta nova fórmula da organização do território ia ao encontro da política régia atrás mencionada, na medida em que à cabeça do julgado estava um juiz com jurisdição administrativa e judicial que aí representava os interesses do rei².

A partir deste momento passaremos a encontrar a freguesia de Lustosa sempre associada ao julgado e concelho de Aguiar de Sousa. Assim se depreende das informações

constantes no «*Numeramento de 1527*»³, da «*Corografia Portuguesa*» (1706), das «*Memórias Paroquiais*» (1758) e dos trabalhos realizados por Custódio José Gomes de Vilas-Boas no seu projeto de divisão da província do Entre-Douro-e-Minho elaborado entre 1794 e 1795⁴.

Em 1836, com a reforma administrativa desencadeada por Passos Manuel, o concelho de Aguiar de Sousa foi extinto e Lustosa passa a integrar o recém-constituído concelho de Barrosas. Esta situação não viria a ser permanente, uma vez que em 1852 transitou fugazmente para o concelho de Paços de Ferreira, para no ano seguinte ser incorporada no concelho de Lousada, no qual se manteve até à atualidade⁵. Estas últimas mudanças deveram-se à extinção do concelho de Barrosas e à redistribuição das suas últimas freguesias, uma vez que, ao longo da sua efêmera história, foi perdendo a maioria, principalmente em virtude do restabelecimento dos concelhos de Felgueiras (1837) e de Lousada (1838).

Em termos eclesiásticos a paróquia não conheceu outra jurisdição que não fosse a da arquidiocese de Braga até ao ano de 1882. Nesta data, um reordenamento dos limites das dioceses originou a transferência de várias paróquias de Braga para o Porto. Procurava-se que a divisão administrativa correspondesse o mais possível à divisão eclesiástica. Neste momento Lustosa passou a estar integrada na diocese do Porto.

1.2. A Igreja

O edifício atual da igreja de São Tiago de Lustosa evidencia três momentos distintos de construção. Nem sempre foi este o aspeto da igreja, principalmente em épocas anteriores ao século XVII ou mesmo durante o seu decurso. Sem quaisquer dados acerca da igreja na Idade Média, mais não podemos conjecturar que o edifício se implantaria numa

¹Biblioteca da Universidade de Coimbra. Manuscrito 731, p. 194.

²MATTOSO, José, KRUS, Luís e ANDRADE, Amélia Aguiar – *Paços de Ferreira na Idade Média: uma sociedade e uma economia agrárias*. Separata de "Paços de Ferreira – Estudos monográficos". [Paços de Ferreira]: [Câmara Municipal], 1986, p. 174 e 175.

³FREIRE, Anselmo Braamcamp – "População de Entre Douro e Minho no XVIº século". in *Arquivo Histórico Português*. Vol. III. Lisboa, 1905.

⁴CRUZ, António – *Geografia e economia da província do Minho nos fins do século XVIII*. Porto, CEH-FLUP, 1970.

⁵MOURA, Augusto Soares de – *Lousada Antiga. Das origens à primeira República*. 2.ª Parte "Das Freguesias". Lousada: Edição do Autor, 2009, p. 340.



Figura 1 Igreja Paroquial de Lustosa.

zona muito próxima da localização atual. A ideia que persiste na memória local da existência de um outro assento da igreja, geralmente apontado para o lugar ou aldeia de Paredes Secas, embora não seja de descartar *a priori*, não acolhe muito significado histórico. Sem querer entrar num aprofundamento da questão, pois não sobrevêm dados que sequer permitam uma discussão, a falta de elementos toponímicos, mesmo à escala micro, que, de certa forma, "fossilizassem" uma materialidade tão importante para a vida da comunidade, colocam de imediato profundas reservas à existência da igreja num outro local.

No nosso entender a igreja medieval situava-se na proximidade da atual e exibiria a mesma e rigorosa orientação canónica, com a capela-mor a nascente e a porta axial a poente. Desse período terão restado muito poucos vestígios, mas os que se preservaram permitem perceber que esse edifício teria alguma grandeza e qualidade no apare-

lho pétreo. Um silhar de considerável dimensão e cantaria perfeita, exibindo uma sigla de canteiro em forma de espiral e uma cruz processional, que é possível observar num cunhal sul da nave no interior da sacristia, sugerem a existência de um edifício muito bem construído.

O corpo da nave, do ponto de vista arquitetónico, é globalmente do século XVII, com cunhais muito simplificados ao nível da molduração das bases e no tratamento unificador que estabelece com o entablamento. Os vãos das janelas, com voamento, relativamente pequenos face à dimensão dos alçados laterais também se configuram com uma obra Seiscentista. Já o trabalho do portal axial, de moldura reta e sobrepujado por frontão aberto que acolhe uma cruz latina, parece evidenciar cronologia mais tardia, podendo-se admitir que a nave sofreu ligeiras alterações em momento posterior.

De época bem mais recente é a capela-mor, que foi edificada nos primeiros meses do ano de 1783, sendo autorizada a sua bênção a 29 de março desse mesmo ano. A obra foi promovida pelo abade José António Camelo que, mencionando o mau estado das paredes, recomendou a sua demolição total e a construção de raiz do novo corpo ampliado em 8 palmos (c. 1,76m) no comprimento. A arquitetura deste volume é bem distinto do da nave, denotando-se um programa bem mais evoluído no tratamento dos cunhais e do entablamento e distinguindo-se igualmente nas opções dos remates, que agora são grandes pináculos, ao invés das tradicionais pirâmides. Também os vãos das janelas se apresentam neste corpo com uma dimensão muito maior, inundando o interior de luz natural.

A torre sineira, de base quadrada, ergue-se apoiada ao alçado sul da nave, ligeiramente recuada em relação à fachada. Este volume organiza-se em três registos ou níveis. No primeiro nível distingue-se pelo pequeno postigo e por uma cartela com uma inscrição memorativa que recebeu na parede sul. O segundo registo aloja o relógio, enquanto no terceiro nível se encontram as quatro sineiras. A cobertura é feita através de cúpula bulbiforme rematada por uma esfera. A torre é ladeada de cunhais encimados por remates em forma de urnas. Na cartela encontra-se uma inscrição que identifica o mestre pedreiro e o ano de construção.

Antes da construção da nova torre, em 1758 já era referida

uma "torre", que cremos fosse mais propriamente um campanário, com dois sinos. Este torreão-campanário deveria estar adossado à parede sul da igreja, perfilado com a fachada. O corpo da sacristia, segundo o traçado atual, foi concluído em data posterior a 1783. Uma das águas do seu telhado cobriu parcialmente a primeira janela da capela-mor, revelando que houve algumas hesitações na sua introdução. Adossada à sacristia vê-se um outro volume, ao qual se ace-de unicamente através do interior da nave, que terá funcionado como dependência própria de alguma confraria, dispondo de acesso apenas pela nave.

O interior exhibe a espacialidade própria do templo cristão: coro-alto nos pés da igreja, batistério e púlpito do lado do Evangelho. Os elementos de cantaria estão revestidos de pinturas da segunda metade do século XVIII, enquanto nos nichos criados para inserção dos retábulos laterais foi possível recuperar um programa de pintura parietal de meados de Seiscentos, muito provavelmente contemporâneo da época de construção da nave.

A igreja conserva cinco retábulos, sendo o mais apreciável o das Almas, em estilo português do terceiro quartel do século XVII e exibindo duas pinturas representando a Santíssima Trindade (no arco) e o arcanjo Miguel (na tribuna). O retábulo-mor e os dois retábulos do arco-cruzeiro são de tradição rocaille, embora tenham sido alvo de intervenções (pintura) posteriores. O retábulo lateral do lado da Epístola, igualmente rocaille, é dedicado ao Senhor da Agonia, escultura de boa qualidade que faz conjunto com uma imagem de Nossa Senhora das Dores.

2. MEMÓRIA PAROQUIAL DE SANTIAGO DE LUSTOSA: TRANSCRIÇÃO

Descrepam da freguezia de Santiago de Lustoza, e do que se procura saber pelos interrogatorios impressos mandados pelo Reverendo Senhor Doutor Provizor de Braga. Santiago de Lustoza, sita na Provincia do Minho, Arcebispado de Braga Primaz, comarca secular da cidade do Porto, e ecclesiastica da cidade de Braga e concelho de Aguiar de Souza e termo da cidade do Porto. E hé terra d'El Rei e confina pela parte do Norte com a freguezia de Santa Eulalia de Barrozas, que hé dos religiozos de Sam Jeronimo da villa de Guimarães. E pera

a parte do Poente confina com Sam Miguel de Vilarinho, igreja dos religiozos de Santa Cruz de Landim. E para o mesmo Poente confina com a freguezia de Sam João de Codeços. E do Sul com a de Sam Pedro de Reimonda, e com a de Santa Maria de Souzaella. E do Nascente com Santo Estevo de Barrozas. E todas as quatro freguezias sobreditas são abbadias, da apresentaçam Ordinaria da Mitra Primaz de Braga, de concurso, sitas todas no Arcebispado Primaz. Tem a sobredita fregue-

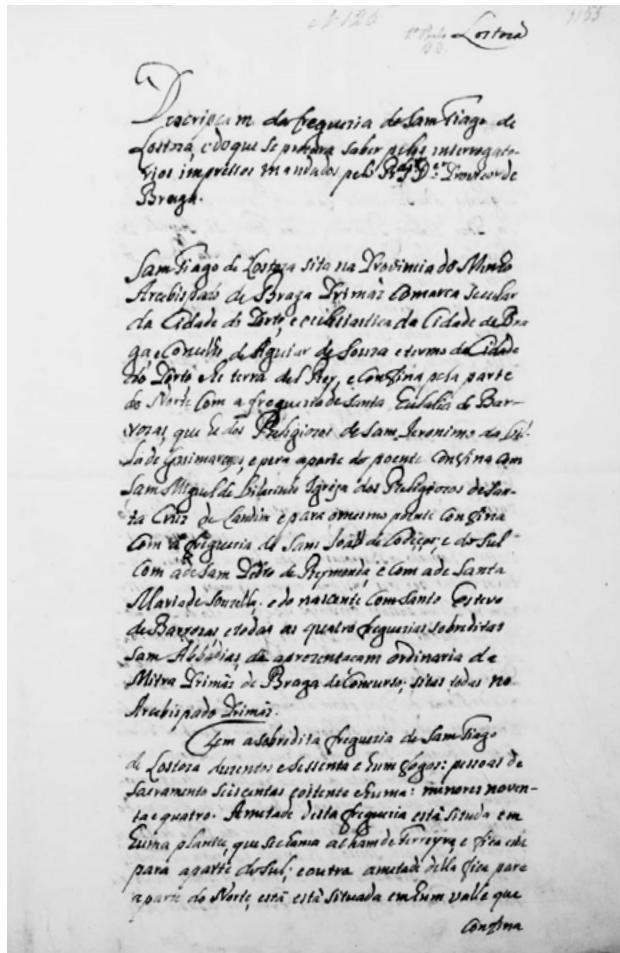


Figura 2 Folha de rosto da Memória Paroquial de Lustosa de 1758.

zia de Santiago de Lostoza duzentos e sessenta e hum fogos, pessoas de sacramento seiscentas e oitenta e huma, menores noventa e quatro. A metade desta freguezia está situada em huma planice, que se chama a Cham de Ferreira, e fica esta para a parte do Sul. E outra ametade della fica para a parte do Norte, está situada em hum valle que confina com a Ribeira de Vizella. E da sobredita freguezia se descobre a villa de Arrifana de Souza, a quoyal dista duas legoas. A igreja está fora de lugar, e tem as aldeias seguintes: a da Reimonda, Lameira, Cazaes, Sequeiró, Bouça, Posso, Pinheiro, Rua Nova, Cabo, Fonte, Sé, Agrella, Vinhas, Cacavellos, Deveza, Ventozellas, Azenha, Rego, Agros, Surribas, Laje, Costa, Rodilham, Cristello, Paredes Secas, Tocas, Leirós, Talhos, Outeiro, Penellas, Lajes, Cerdeiras, Quintans, Serra, Gandra, Pereira, Peça, Longra, Rio, Caniço, Refontoura, Sammede. E todas fazem o numero de quarenta e três aldeias. O orago desta freguezia hé o Apostolo Santiago. Tem sinco altares, a saber, o altar mor onde está collocado o Santissimo Sacramento, e para a parte do Evangelho tem a igreja o altar de Nossa Senhora do Rozario e o das Almas. E para a parte da Epistola, o altar do Santo Nome e o do Senhor da Agonia, feito pelo insigne escultor chamado a Barrocas. E nesta igreja há raras pinturas feitas por três insignes pintores irmãos, que existiram no seculo passado, oriundo na freguezia de Sam João das Caldas, termo da villa de Guimarães, Arcebispado Primaz. Tem huma irmandade das Almas, de que hé protector o Apostolo Sam Thomé. E tem mais a confraria do Nome de Deos, e tem a confraria do Santissimo Sacramento, e a de Nossa Senhora do Rozario, e também huma de Sam Sebastião. Tem também hua torre com dous sinos. O parochio desta freguezia hé abba-de de apresentação secular, que hé padroeiro D. João Luiz de Menezes de Magalhães Barreto Sá e Rezende, senhor da villa de Barca, Freirize e Penegate, Souto de Rebordões, e Honra de Fonse. E renderá a dita abbadia oitocentos mil reis, pouco mais ou menos. Tem esta freguezia três ermidas, a saber, a de Sam Roque, que está fora de lugar, e pertence a fabrica della ao abba-de da freguezia. E tem mais a de Sammede, sita no mesmo lugar, e pertence a fabrica della aos freguezes desta mesma freguezia. E a de Sam Gonçalo, chamado o Esquecido, que está situada no alto de hum pequeno monte, cuja administração pertence ao abba-de desta freguezia, a cuja ermi-

da pelo discurso do anno vão varias pessoas desta freguezia e das vezinhas a vizitar o dito santo. E no dia dez de Janeiro concorre muita gente a vizitar a capella ou ermida, que no tal dia se faz a sua festa. Os frutos que esta terra produz em mais abundancia são milho groço e miudo, centeio e painço, e feijam, e algum vinho muito verde para a parte da Cham de Ferreira, por ser sitio muito descoberto e frio. E para a parte que confina com para a Ribeira de Vizella tem mais abundancia e hé melhor e mais maduro. Todo este vinho que produz hé de uveiras, e se chama de enforcado. E também produz alguma fruta. E também produz abundancia de linho, de que se fabrica muito pano de linho e de estopa. Esta freguezia está sujeita às justiças da cidade e Relaçam do Porto. E neste concelho de Aguiar de Souza há hum ouvidor ordinario que se poem pela camera da cidade do Porto cada hum anno, com alçado de hum cruzado, e hé executor das sentenças que emanam das justiças da dita cidade do Porto, o quoyal concelho tem três escrivães e procurador e meirinho e dá todas as Quartas Feiras, de cada somana, no lugar das Paredes, cabeça deste dito concelho, audiencia. Esta freguezia serve-se pelo correio de Guimarães, que dista desta freguezia duas legoas, o quoyal correio chega no Domingo, e parte na Sexta Feira pela manham. Dista esta freguezia da capital de Braga, a quem hé sujeita, quatro legoas e meia, e da cidade de Lisboa, capital do Reino, sincoenta e oito legoas. O temperamento desta freguezia hé sadia por ser alta e muito lavada dos ventos. E nam tenho mais que dizer aos interrogatorios que me vieram por ordem do muito reverendo senhor Doutor Provizor da cidade de Braga Primaz, a quoyal eu Pedro Antonio Barreto de Menezes, fiz em presença do reverendo Manoel Marques, abba-de da igreja de Sam Pedro de Reimonda, e do reverendo Francisco Rodrigues Pereira, abba-de da igreja de Sam João Baptista de Codeços, meus vezinhos. E por verdade, nós assinamos todos, aos vinte e dous dias de Maio de mil e setecentos e sincoenta e oito. O abba-de, Manoel Marques. O abba-de de Codessos, Francisco Rodrigues Pereira. O abba-de, Pedro Antonio Barreto de Menezes⁶.

⁶IAN/TT, *Memórias Paroquiais*, vol. 21, memória 125, fls. 1155-1158; CAPELA, José Viriato; MATOS, Henrique; BORRALHEIRO, Rogério – *As freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758: Memórias, História e Património*. Braga: Ed. Autor, 2009, pp. 314-315.